

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS	15.NOV.1974	REPÚBLICA	



O MISERÁVEL COLMEAL-RUÍNA

O n.º 137 da Rua de Camões já foi notícia. Foi um prédio e hoje é uma ruína. Uma ruína transformada em colmeia. Abundantemente se falou e escreveu sobre a situação das pessoas que ali moram — melhor dizendo, que ali se amontoam. Um caso de sublocação, miserável forma de exploração a que se devia ter posto imediato cobro. O colmeal da Rua de Camões, 137, já foi também alvo de controvérsia. É a humilde gente que ali vive foi utilizada por carpideiros de vários estilos e tendências. Fez-se barulho e pouco mais...

Como a ameaça de despejo fosse evitada e porque superiormente fosse decidido que os moradores ficavam na colmeia pois «não tinham para onde ir», a ruína continua habitada. Agora chove nos quartos em que crianças dormem, os estuques ameaçam desabar, etc. O senhorio não fez nem fará obras porque o «prédio» é para abater e em seu lugar se erguer outro (bom local, metro quadrado a excelente preço, etc.). E, superiormente, resolveu-se o problema deixando «tudo como dantes». Sabe-se que não há habitações em suficiência e que a Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo conta com os recursos latentes da população. Que recursos têm os pobres, mesmo muito pobres, moradores do colmeal-ruína?! Quem lhes fará as obras?! Quem lhes fornecerá casa digna e minimamente confortável?! E quem removerá a burocracia e os mananciais jurídicos que impedem que se proceda de acordo com elementares regras de justiça social?

Duas coisas são certas — o colmeal-ruína é-o ainda mais e carpideiras de vários estilos e tendências vão berrar... as frases do costume ao modo tradicional.

J. C.